

**Médicos, curandeiros e cartomantes:
a ‘divina ciência’ X o ‘charlatanismo’ no Recife dos anos 1920**

Sylvia Costa Couceiro*

Resumo: A partir de meados do século XIX, quando a medicina começou a constituir-se enquanto campo de saber científico, baseada em técnicas sistemáticas, iniciou-se na cidade do Recife uma luta entre as práticas de cura e as medicações tradicionais usadas pela população, fruto da diversidade das suas raízes culturais, e a medicina que se oficializava. Este trabalho busca compreender os embates e conciliações entre a medicina oficial e os chamados “charlatães”, no Recife do início do século XX, analisando a convivência entre saberes diversos que se deparavam: de um lado, as idéias europeias, fruto do racionalismo e do cientificismo, alicerçadas em novos padrões e procedimentos e na construção de uma ‘ética médica’; do outro, noções fundamentadas em origens culturais distintas, perpassadas por elementos que mesclavam natureza, magia e religiosidade, que se encontraram no Novo Mundo.

Palavras chave: medicina e cultura popular; história da medicina no Recife; medicina e tradição popular no Recife dos anos 1920

Abstract: In the mid 19th century, medicine began, in Brazil, its establishment as a field of scientific and rational knowledge based on systematic techniques. In the same period, in Recife, a conflict arose between this consolidating medicine and the healing practices as well as the traditionally used medications, both product of the population’s diversified cultural roots. This article aims to understand the conflicts and the relationship between the official medicine and the so-called “charlatans” in Recife in the early 20th century. It intends to achieve this aim through the analysis of the disruption and confrontation of different understandings that faced each other: on one hand, the European ideas, originated in the scientific rationalism; and, on the other hand, notions based on the various cultural origins that met in the New World, permeated by elements which mixed magic and religiosity.

Keywords: Medicine and popular culture; medicine history in Recife; Official medicine x popular tradition in Recife in the 1920s.

Na virada do século XX, a cidade do Recife era considerada, uma das mais insalubres do país. As epidemias periodicamente alastravam-se pela cidade, atingindo tanto os sobrados altos das gentes ricas do bairro de Santo Antônio, quanto os miseráveis mocambos de subúrbios como Afogados ou Encruzilhada. Varíola, malária, cólera-morbo, febre-amarela, disenteria, febre tifóide, sarampo, além de coqueluche, difteria, escarlatina e influenza, foram algumas das epidemias que assolaram o Recife entre 1851 e 1900, de acordo com o médico Octávio de Freitas. (FREITAS, 1943: 50-52).

* Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco/MEC. Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPE .

Na busca da cura para as doenças epidêmicas e para as demais moléstias, a população da cidade recorria nessa fase aos mais diferentes saberes, métodos e ofícios. Médicos, cirurgiões, farmacêuticos e boticários, a praticos que detinham o conhecimento das ervas e drogas a partir da tradição popular, pais-de-santo ligados às religiões afro-descendentes e outras figuras místicas que propalavam seus poderes de sanar os males do corpo mediante os mais diferentes processos eram procurados pelos habitantes do Recife na época. Foi a partir de meados do século XIX, quando a medicina começou a constituir-se enquanto campo de saber científico e racional, baseada em técnicas sistemáticas, que se iniciou na cidade uma luta entre as práticas de cura tradicionais, fruto da diversidade das raízes culturais dos habitantes do Recife, e a ciência médica que se oficializava. Era um período de ruptura e confronto entre saberes diversos que se deparavam: de um lado, as idéias européias, fruto do racionalismo e do cientificismo que vinham desde a época das “Luzes”; do outro, as noções de origens culturais diversas que se encontraram no Novo Mundo, perpassadas por elementos de magia e religiosidade.

Tal disputa pode ser percebida a partir da obra do médico Octávio de Freitas. Ativo participante dos debates médicos travados no país a partir do final do século XIX, Freitas era formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro, tendo regressado ao Recife em 1893 para iniciar sua carreira, assumido, ao longo dos anos, importantes cargos públicos, dentre eles o de presidente da *Liga Pernambucana contra a Tuberculose*, Diretor do *Instituto Pasteur* e do *Instituto Vacinogênico*. Suas idéias foram registradas em vários livros, como: *Medicina e costumes do Recife*, *Idéias e conceitos* e *Os nossos médicos e a nossa medicina*, que refletiam uma preocupação permanente em torno do monopólio dos conhecimentos relativos à saúde pelos médicos, do domínio do mercado de trabalho e do estabelecimento de regras de conduta éticas para a atividade, além do combate ao que chamava de “charlatanismo e curandeirismo”.

Se observarmos a organização temática de uma das suas obras mais importantes - “*Medicina e costumes do Recife*” -, escrita em 1943, montada a partir de capítulos breves sobre temas variados, podemos perceber o conflito que se desenrolava na época entre a medicina oficial e as formas de cura populares usadas pelos habitantes do Recife. O livro tenta passar a idéia geral de que a partir do “*desenvolvimento progressivo*” de uma ciência médica, as questões ligadas à saúde, higiene e sanitarianismo que afligiam a população do Recife seriam paulatinamente detectadas e combatidas de forma racional, enquanto o “charlatanismo” seria vencido, resultando em um triunfo da medicina oficial.

No livro Freitas constrói a representação de uma cidade povoada de problemas higiênicos e sanitários, descreve as epidemias que dizimavam a população, tentando mostrar

que as mesmas eram fruto de uma série de costumes considerados inadequados tais como: o enterramento nas igrejas, o uso dos “tigres”, o tratamento impróprio dos doentes e alguns hábitos alimentares. Sua análise segue com um comentário acerca da criação, a partir do século XIX, de uma série de instituições que seriam responsáveis pelo exercício da autoridade sobre a área médica e pela tentativa de solucionar os problemas da cidade: a *Sociedade de Medicina*, fundada em 1841, o *Conselho de Salubridade* e o *Instituto Vacinogênico*, criados em 1845 e o *Hospital Pedro II*, inaugurado em 1861. Além desses órgãos e instituições, Freitas comenta, também, a importância da circulação, a partir de 1842, de uma série de publicações dirigidas aos médicos, como os *Anais de Medicina de Pernambuco* e os *Anais do Instituto Médico Pernambucano* de 1874, além da realização de congressos e reuniões médicas.

O livro de Freitas mostra também que o saber médico procurava firmar-se como hegemônico não apenas pelo discurso, mas, sobretudo, pelo uso de uma série de simbolismos, como as novas técnicas e os estranhos instrumentos empregados e até pela aura de seriedade e importância que as vestes usadas pelos médicos impunham:

O chapéu de feltro de cano alto e lúcido era indispensável a todo médico que se prezava e prezava a sua clientela. A sobrecasaca, o fraque, o paletó preto e a calça listrada faziam parte integrante do seu vestiário cotidiano. Quem não andasse assim arriscava-se a não conseguir um único cliente, porque faltava, então, a devida compostura para exercer tão nobre profissão. (FREITAS, 1943:90)

As normas de conduta e de ética consideradas adequadas à função de um profissional da área médica, como a cobrança de “honorários justos”, o estímulo à prática de conferências ou juntas médicas, realizadas para discutir casos mais complexos, além do comportamento discreto e sigiloso dos médicos com relação às informações recebidas do doente, também foram assuntos tratados pelo Dr. Freitas.

Em seguida, o autor mostra a grande preocupação dos médicos da época: as figuras que denominavam de “charlatães”. Freitas dedicou sete capítulos do seu livro à narrativa de casos de “curandeirismo”, acusando os chamados “embusteiros” de enganar e dar golpes na população, prometendo curas milagrosas a partir de métodos considerados atrasados e ineficientes. Em outra obra, *Idéias e conceitos*, Octávio de Freitas diz: o “charlatanismo seria o expoente de uma sociedade ainda em formação, onde não há, por conseguinte, solidez de conhecimentos, de modo que o charlatão é antes o resultado da falta de preparo dos que se sujeitam a tais panaceadores.” (FREITAS, 1913:54). Freitas, como também para outros representantes das elites, no Recife dos anos vinte, optavam por ignorar a importância do

saber acumulado pelos populares no campo da análise das doenças e em não reconhecer, pelo menos oficialmente, as informações herdadas de outras culturas sobre as ervas e drogas usadas na cura das moléstias, classificando esse acervo de conhecimentos como desprezível.

Fechando a obra, como capítulo final, o médico aborda a criação da Faculdade de Medicina no Recife, em 1920, passando a idéia de que a abertura da instituição encerrava um ciclo, representando a finalização do processo de solidificação do conhecimento médico e do embate com as formas populares de cura. A medicina oficial, chamada por ele de “*divina ciência*”, enfim triunfara sobre a “falta de conhecimento” e a “ignorância”:

Reconhecidos oficialmente os seus cursos por decreto ministerial de julho de 1927, começou a Faculdade de Medicina a funcionar com toda a regularidade, atestando (...) o ingente esforço da medicina pernambucana procurando, por todos os meios ao seu alcance, aproximar-se dos outros centros brasileiros onde se cultivava a divina ciência. (FREITAS, 1913:54).

O Dr. Freitas relata em seu livro as transformações ocorridas princípios do século XX na área médica no Recife, narrando os progressos da época: médicos tecnicamente instruídos, instrumentos aperfeiçoados, novos métodos de diagnóstico, como análises químicas, microscópicas, aparelhos elétricos para exames de doenças nervosas e as famosas máquinas de ‘raios X’, eram algumas das novidades que começavam a aparecer na cidade. Na virada do século, já se realizavam com sucesso, no Recife, cirurgias para a retirada de cálculos vesicais, tumores em diversas regiões do corpo, operações ginecológicas para a remoção de fibromas, dentre outras. Técnicas e aparelhos considerados modernos também já eram utilizados na cidade, como atesta o anúncio publicado pelo Dr. João Costa em 1921 no *Jornal Pequeno*, divulgando: “gabinete médico de 1ª ordem, com instalações e aparelhos moderníssimos para toda sorte de aplicações: Raios X – Eletricidade – Análises Químicas – Exames Microscópicos – Raios Ultra Violeta – Ozona – Banhos de Luz.” (*Jornal Pequeno*, 06/10/1921:10).

O crescimento do número de médicos diplomados na cidade em função da fundação da Escola de Medicina do Recife, a disputa por clientes com os ‘práticos’ populares e a paulatina transformação dos serviços médicos em ‘produto’, fizeram com que parte dos médicos começasse a recorrer à propaganda em jornais e periódicos para anunciar e oferecer seus serviços, por vezes garantindo a cura daqueles acometidos por determinadas doenças:

Para facilidade dos diagnósticos e tratamentos, possui aparelhos elétricos especiais – Uretoscópio, Cloroscópio, e Eletrodos que lhe permitem ver o interior da uretra e da bexiga, e fazer o tratamento elétrico da Blenorragia (Eletro-Terapia-

Blenorrágica). O dr. João Costa fornece aos seus doentes UMA GARANTIA depois de findo o tratamento, o que prova a EFICÁCIA ABSOLUTA do seu método de cura.(JORNAL PEQUENO, 05/03/1922:2).

Apesar dos avanços a que a cidade assistia na ciência médica, da crescente especialização dos médicos, dos aparelhos modernos e remédios que prometiam curas revolucionárias, como a aspirina, e da propaganda usada no convencimento dos clientes, a população continuava a consumir xaropes, chás e beberagens caseiras, não deixando também de, vez por outra, fazer visitinhas a um “curandeiro”, vidente ou ir a uma sessão de “catimbau” ou “catimbó”, como eram chamados no Recife, genericamente, os cultos ligados às religiões afro brasileiras. “Curandeiros” populares, praticantes de cultos afros, além de indivíduos que se diziam possuidores de poderes espaciais, incomodaram os médicos do Recife por muito tempo com a concorrência que estabeleciam à sua atividade profissional. Esses populares, conhecedores das ervas, drogas e segredos dos vegetais, preparavam mezinhas, tisanas, poções e garrafadas que diziam sanar as moléstias que atingiam a população. Com eles tratavam-se não apenas as camadas populares, como também pessoas pertencentes às elites. Como enfatizou Gilberto Freyre, foi um verdadeiro choque de culturas:

Médicos de formação européia e servidos por instrumentos e máquinas européias de tratar doentes ou de observar doenças em suas relações com os climas frios (...), tiveram que travar áspera batalha com curandeiros africanos ou da terra, íntimos conhecedores de ervas ou plantas tropicais e protegidos, às vezes, por senhores prestigiosos de casas-grandes e de sobrados. (FREYRE, 1977:508)

Os periódicos, memórias e crônicas do início do século XX estão cheios de relatos sobre esses personagens, comumente apresentados como “embusteiros”, que prometiam a solução dos problemas de saúde a partir de métodos questionáveis e perigosos. É importante compreender que essas narrativas estão inseridas em um contexto de disputa e competição em torno do poder da cura, momento em que o discurso médico científico lutava para desqualificar o saber tradicional dos grupos populares, construindo uma representação que os colocava como enganadores e trapaceiros. Alguns desses “curandeiros” chegaram a ganhar certa fama na cidade, conforme referências da época, atraindo muita gente que buscava nas promessas de cura o alívio para suas mazelas. A maior parte deles não conseguiu escapar da vigilância dos médicos e órgão de saúde da época, que, se valendo do discurso científico e mesmo da ação policial, perseguiram, expulsavam da cidade ou prendiam esses indivíduos, acusando-os de trapaceiros e exploradores da ‘boa fé’ da população.

Segundo Octávio de Freitas, um dos mais comentados “curandeiros” do início do século XX foi Faustino Júnior, que ficou conhecido como o “Homem do dedo”. O médico

relata que ao chegar à cidade em 1904, Faustino “fizera-se anunciar pelos jornais como tendo o alto poder de curar todas as doenças pela simples aposição de um dos seus dedos sobre os pontos afetados pela doença, por mais grave que ela se apresentasse.”(FREITAS, 1943:171). Mário Sette, um dos mais importantes cronistas do Recife, fala do clima de agitação que se estabeleceu na cidade por conta das curas milagrosas que o “Homem do dedo” prometia:

A notícia das curas maravilhosas começaram a se espalhar (...). Um parálítico dera uma carreira, um cego enfiara uma agulha, um mudo cantara uma modinha, e um doido dera para mestre de meninos. Bastara para isso o contato das mãos do professor (...). A romaria para o Derby era incessante. Amanheciam enfermos lá, e outros dormiam ao relento. Na hora das consultas o atropelo assumia proporções de lutas (...). (SETTE,1981:136-137)

Na análise de Freitas, o sucesso de algumas curas realizadas deviam-se a um fenômeno que ele classificou de “sugestão coletiva”, fazendo com que “o falso Messias enchesse suas arcas com os cobres dos desenganados da medicina oficial.”(FREITAS,1943:172)

Em 1912, foi a vez de Bento José da Veiga, conhecido como “Bento, o milagreiro”, que usava para suas curas apenas a água do rio Beberibe. Dizendo ter recebido o poder da cura do caboclo “Canguruçu”, do Amazonas, Bento prometia a cura a cegos, aleijados, tuberculosos e até mutilados, receitando doses, em colheres de sopa, da água do citado rio. O escritor Lemos Filho destaca em seu livro *Clã do Açúcar*, que enquanto a fama de Bento crescia, “o Hospital Dom Pedro II ficava às moscas e o apurado das farmácias caía muito.”(LEMOS FILHO,1960:40) Farmacêuticos e boticários da época reclamavam a queda na venda dos seus produtos, exigindo providências da polícia contra o “charlatão”. A população da cidade, por outro lado, não apenas defendia a continuação das atividades de Bento, como também percebia nitidamente os interesses que estavam sendo contrariados, conforme pode ser observado na quadrinha popular da época:

Essa medida, em geral, classificam malvadeza; Pois a quem Bento fez mal?Matara alguém, com certeza? Não senhor! Seu crime é este: prejudica a Medicina, atrasa a Farmacopéia! (LEMOS FILHO,1960:39)

A procura dos cultos afro-brasileiros na busca da cura das enfermidades e outros males do espírito também era muito freqüente no Recife. A forte tradição religiosa entre os afro-descendente que habitavam nos subúrbios da cidade fez com que várias casas de culto se estabelecessem nos arrabaldes, onde os pais e mães-de-santo se tornavam conhecidos e respeitados, atendendo muitas vezes não apenas os praticantes, mas também senhoras e

senhores abastados, representantes de conhecidas famílias da cidade. Gonçalves Fernandes, médico que na década de trinta escreveu o livro *Xangôs do Nordeste*, conta o caso de um rico português que, gravemente doente, procurou o pai-de-santo Adão, um dos mais respeitados babalorixás do Recife na época, para um tratamento:

Um português, grande comerciante de calçados na cidade, o Sr. J. A. F., desesperançado de obter a cura para sua doença, se deixou levar por um negro seu conhecido à presença de Adão. Não consegui saber a que práticas ele se submeteu, mas sei que abandonou o tratamento após a primeira visita ao terreiro.(GONÇALVES FERNANDES, 1937).

Os territórios das chamadas casas de “catimbau” eram espaços de encontro e sociabilidade, onde se praticavam os costumes e tradições dos diversos grupos afro-descendentes. Lá os adeptos conheciam a história dos antepassados - língua, cânticos, danças -, aprendiam a respeito do uso de ervas e porções e praticavam rituais sagrados. Contudo, para as autoridades policiais e outros órgãos de controle da ordem e da moral na cidade, as casas de culto representavam outra coisa. Acusados de praticar curandeirismo, bruxaria e culto ao diabo, em meio a rituais considerados misteriosos, permeados de sensualidade, os babalorixás e yalorixás da cidade foram perseguidos e os cultos afro-brasileiros foram proibidos no Recife na década de vinte: os locais das cerimônias religiosas eram invadidos pela polícia, os fiéis presos e os objetos sagrados de culto apreendidos e levados às delegacias.

Nos anos vinte, também eram muito populares no Recife as cartomantes e videntes. Com frequência podemos encontrar nos principais jornais da época anúncios desses decifradores do passado, presente e futuro, que prometiam resolver questões ligadas a doenças, desacertos no amor, dificuldades financeiras e muitos outros problemas:

Quereis curar alguém do vício da bebida? Destruir algum malefício? Alcançar bons empregos ou prosperidade? Fazer desaparecer alguma dificuldade? E outras cousas que estejam ao alcance da mesma. Garante-se ao público desta capital que todos aqueles que vieram fazer suas consultas com esta Cartomante, saíram todos satisfeitos com seus trabalhos. (JORNAL DO RECIFE, 1926).

O tipo de propaganda publicada nos jornais leva-nos a refletir sobre a aceitação de tal atividade pelo público que tinha acesso aos periódicos, pertencente na sua maioria, às camadas mais abastadas da população.¹ O uso dos jornais como meio de divulgação sugere

¹ Apesar de sabermos que pessoas pertencentes às camadas populares sabiam ler e tinham acesso aos jornais diários (Gregório Bezerra nos fala nas suas memórias do pedreiro “Zé da Colher”, que era seu freguês de

que os videntes e cartomantes buscavam atingir um público pertencente às camadas médias e às elites da cidade. Contudo, se analisarmos o preço das consultas, podemos perceber que esses adivinhos atendiam uma clientela bem ampla e variada, indo de pessoas pertencentes às camadas populares até refinadas senhoras. Os videntes e cartomantes faziam questão de diferenciar seu trabalho daquele que era realizado pelos praticantes dos cultos afro-brasileiros. O Professor Adão, que recebia seus clientes no Bairro do Recife diariamente das 10 às 16 horas, divulgava a seguinte observação no final do seu anúncio: “Note Bem: Não confundir trabalho de cartas com Catimbó, espiritismo e mais embustes praticados por agentes aliados de Satanás, o Pai da Mentira.”(JORNAL DO RECIFE, 1926:21).

Apesar de não abrirem mão dos seus poderes mágicos e do misticismo, os anúncios publicados se apropriavam do discurso científico visando dar credibilidade a sua atividade, baseada em um conjunto de práticas mágicas e crenças que se contrapunham à lógica da razão e da ciência que se consolidava na época: leitura das mãos, das cartas, visões, premonições, interpretação de sonhos, o uso de talismãs, a observação de fenômenos naturais e a realização de rituais mágicos. Para tal, enfatizavam o caráter científico da atividade, baseada, segundo eles, em estudos de grafologia, cartomancia, magnetismo e astrologia, dentre outras técnicas e “ciências ocultas”. O próprio uso nos anúncios da época das palavras “consultório” e “consulta”, termos identificados com espaços ligados à prática médica, era uma das formas usadas para marcar a diferença em relação aos praticantes dos cultos afros. Utilizando-se de termos que procuravam identificá-los com os médicos, explorando os aspectos técnicos e científicos da sua atividade, videntes, adivinhos e cartomantes tentavam marcar a diferença entre o seu trabalho e o daqueles que eram considerados “vigaristas”: os “catimbauzeiros.” Isso não só os afastava da perseguição policial, fortalecia e daria credibilidade à sua atividade, como também atrairia uma clientela mais abastada, pois parte dela temia as práticas realizadas pelos “catimbauzeiros”. Ao se apropriarem do discurso da razão e da ciência, videntes e cartomantes procuravam reforçar sua própria atividade, em uma atitude de resistência sutil e por vezes imperceptível, assemelhando-se àquelas estacadas por Michel de Certeau, empregadas pelos indígenas quando da conquista espanhola nas Américas:

Muitas vezes esses indígenas usavam as leis, as práticas, ou as representações que lhes eram impostas pela força ou pela sedução, para outros fins que não o dos conquistadores (...). [Usavam] com maneiras de empregá-las a serviço de regras,

jornal por volta de 1916, período em que foi gazeteiro no Recife, ver BEZERRA, Gregório, *Memórias. 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, p. 155), não restam dúvidas de que esses eram minoria, pois além do problema do analfabetismo, o preço dos jornais era outro empecilho à leitura dos mesmos com regularidade. Portanto, a maior parte dos que liam com assiduidade os jornais pertencia aos grupos de elite.

costumes ou convicções estranhas à colonização da qual não podiam fugir. Eles metaforizavam a ordem dominante: faziam-na funcionar em outro registro. Modificavam-no sem deixá-lo. (CERTEAU, 1994:94-95)

Dessa forma, é importante perceber que o discurso científico, longe de conseguir destruir as atividades e práticas avaliadas como “crendices” e “charlatanices”, desenvolvidas dentre outros por babalorixás e yalorixás, pajés, videntes e cartomantes, terminou sendo reelaborado por setores dos grupos populares, servindo de reforço à permanência de tais atividades.

Intensamente marcada pela presença de culturas de procedências diversas, com hábitos, costumes e estilo de vida fruto da troca e interação entre a cultura de origem européia, indígena e africana, as elites da cidade tinham um desafio a enfrentar: longe dos padrões ‘civilizados’, nas ruas, diante dos olhos, o espetáculo que se via diariamente era o da diversidade e da heterogeneidade. Inúmeras estratégias foram usadas para enfrentar essas diferenças: persuasão, violência e perseguição policial, começaram, nas décadas iniciais do século, a mesclar-se com certas concessões, negociações e mesmo a tolerância com relação a certas práticas consideradas “incivilizadas”. Apesar do discurso racional, científico e progressista que pregava o profissionalismo, a formação acadêmica e a adesão a determinados princípios éticos, os médicos recifenses continuaram, ao longo do século XX, a disputar seus pacientes com “catimbozeiros”, milagreiros, cartomantes e místicos, cujas práticas possuíam grande influência sobre a população e grande potencial de resistência diante de certos mecanismos empregados para abolir ou dominar esses costumes e hábitos.

Bibliografia

- BENJAMIN, WALTER. Madame Ariane, segundo pátio à esquerda. In: *Obras escolhidas II, Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEZERRA, Gregório, *Memórias. 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FIGUEIREDO, B. G. Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX. In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, VI, jul-out 1999.
- FREITAS Octávio. *Idéias e conceitos*. Recife: Imprensa Industrial, 1913.
- _____, Octávio *Medicina e costumes do Recife antigo*. Recife: Imprensa Industrial, 1943.
- _____, Octávio. *Os nossos médicos e a nossa medicina*. Recife: A Província, 1904.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: a decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional do Livro, 1977.
- GONÇALVES FERNANDES. *Xangôs do Nordeste*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- LEMONS FILHO, *Clã do Açúcar: Recife 1911/1934*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.

MARQUES, Regina Beltrão. *Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: UNICAMP, 1999.

PEREIRA NETO, André F. de. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

SETTE, Mário. *Maxambombas e maracatus*. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1981.